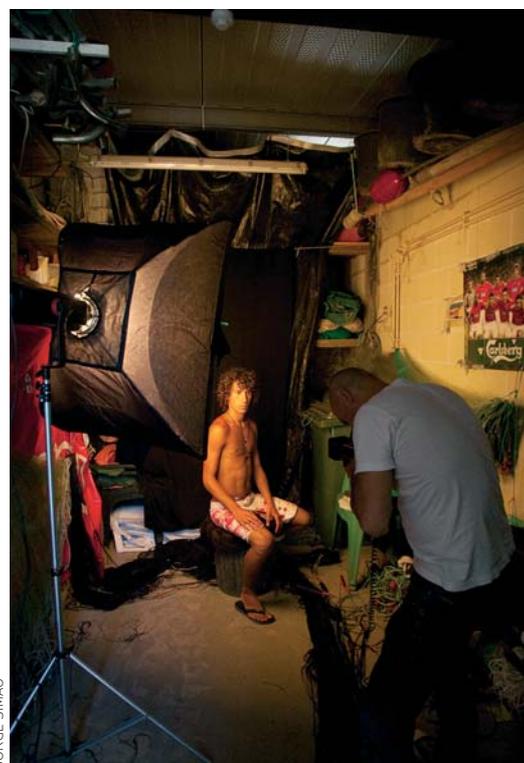




Fotografar as margens

Pierre Gonnord é um fotógrafo de renome internacional que veio a Portugal fazer retratos para uma exposição. Acompanhámo-lo durante vários dias, para perceber o seu método de trabalho. Mais do que uma boa fotografia, interessa-lhe criar elos com as pessoas, cuja alma tenta captar. Reportagem com um homem de sensibilidade especial

TEXTOS DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **PIERRE GONNORD**



JORGE SINÃO

RICARDO "PESCADOR COM ATITUDE DE SURFISTA". O RETRATO (À ESQ.) FOI TIRADO PELO FOTÓGRAFO PIERRE GONNORD, NO INTERIOR DE UM APOIO DE PESCA DA COSTA DA CAPARICA. EM DEZ MINUTOS, CRIA-SE UM RITUAL

Onde os outros veem pobres, Pierre Gonnord vê príncipes. Os excluídos são monarcas aos seus olhos. Através da sua objetiva, os ciganos tornam-se reis, os pobres têm o ar mais digno. Esta atração pelas franjas, pelas margens da sociedade é um traço do trabalho de Gonnord, fotógrafo francês de 48 anos com obra em coleções de arte e museus um pouco pelo mundo. Faz parte da missão que ele considera dever ser a de um fotógrafo, o seu contributo para a sociedade. "Fazemos escolhas sentimentais", confessa-nos mais tarde, justificando a escolha de fotografar pescadores em Portugal — parte do projeto "Interferências" para o qual foi convidado, que verá a luz em janeiro de 2012 no espaço do BES, no Marquês de Pombal, em Lisboa.

Os retratos de Pierre, que marcam o seu trajeto de fotógrafo, são dominados pelo fundo preto, onde só o rosto emerge, iluminado. Um contraste que lembra a pintura, o *chiaroscuro* do Renascimento e os quadros de Rembrandt. Esta é, para ele, a forma mais pura de fazer incidir toda a atenção na face, sem ruídos ou distrações. "As fotografias têm sempre que ver com quem fotografa. Porque é que as minhas imagens têm sempre penumbra? Há uma parte de introspeção, de melancolia, que eu também tenho. E talvez o facto de ter perdido gente próxima (Pierre perdeu dois irmãos, numa família de sete) me faça olhar para a fotografia como um legado, um testemunho, mais do que um



ARMANDO, 2009. SÉRIE "TERRE DE PERSONNE". FILHO DE MINEIROS DAS ASTÚRIAS



ANTÓNIO, 2004. SÉRIE "UTÓPICOS". ANTIGO BOXEUR ESPANHOL, ENTRETANTO FALECIDO

ato antropófago”, partilha.

É fácil de perceber a dimensão humana do trabalho de Pierre. Ele está nos antípodas de um *paparazzo* ou de um repórter. Não lhe interessa captar o instante à revelia, mesmo que daí resulte uma fotografia fabulosa — aliás, houve imagens que não captou por achar que o que vivia era mais importante do que fotografar esse momento, conta mais tarde. Interessa-lhe estabelecer relações com as pessoas, cuja confiança se empenha em conquistar. Por isso, as suas exposições obedecem a temporadas passadas em comunidades, às quais chega e nas quais vai penetrando. Foi assim com os ciganos em Sevilha, com quem conviveu seis meses, com os *yakuza* (membros de organizações criminosas) no Japão, com quem viveu sete meses, com os judeus em Veneza. E é assim que ele quer que aconteça aqui. Para que possa apresentar a sua visão do Portugal contemporâneo na mostra “Interferências”, em janeiro.

De início, torceu o nariz à nossa presença. Era a segunda vez que estava no país para fotografar e não queria que lhe alterássemos o processo habitual. Só depois de explicarmos que não iríamos interferir, apenas observar, cedeu a que o acompanhássemos. Rumámos à Caparica, o primeiro destino do traba-



Não lhe interessa captar o instante à revelia, mesmo que daí resulte uma grande foto. Interessa-lhe estabelecer elos com as pessoas

lho de campo. Ali, em maio, Pierre fotografara já alguns pescadores, comunidade que conheceu através de Paulo Martins, um armador de 45 anos, com uma vida dedicada ao mar. Partimos para a faina, na Praia do Golfinho. Ao ‘leme’ do seu enorme trator, Paulo aparece na praia. Pele tisonada pelo sol, brinco na orelha, olhos de mar, pequenos e muito azuis. Podia ser um agricultor do Midwest, capturado pela objetiva de um fotógrafo norte-americano. Os pescadores têm a vida estampada no rosto, são perfeitos para retratar.

Sáímos para a faina das 18h30, numa pequena embarcação, “O Rei dos Mares”. A 1,5 quilómetros da costa, pesca-se sardinha. “Mais tarde, haverá carapau. Os peixes têm horas diferentes, não me pergunte porquê”, explica Paulo. Com a luz do fim da tarde a bater, Pierre segue a bordo, atento às feições dos rostos e às expressões. Fica interessado em fotografar o irmão de Paulo, Carlos (conhecido por ‘Carlita’). Encantou-o o seu olhar: “Tem a candura de um menino”, diz. No fim, pergunta-lhe se se importa que lhe mostre o trabalho dele, no dia seguinte. É assim que Pierre atua. Amanhã, mostrar-lhe-á as fotografias tiradas em maio ao seu irmão, e a partir daí são os retratados que decidem se querem continuar. Normal-



CHARLOTTE, 2010. SÉRIE "RETRATOS VENEZIANOS". É UMA MENINA JUDIA DE 12 ANOS



MADALENA, 2009. SÉRIE "TERRE DE PERSONNE". CAMPONESA DE TRÁS-OS-MONTES

mente querem, quando veem o resultado. Pierre gosta de retratar membros da mesma família. Em maio, tirou também o retrato do pai de Paulo, Francisco, um senhor de 80 e muitos anos, presente em cada faina. "Este homem tem uma nobreza enorme na postura", partilha Pierre. Amanhã, tentará a sorte também com Ricardo, sobrinho de Paulo, jovem de 18 anos que faz a ponte entre as várias gerações.

Idealmente, Pierre gosta de fotografar em casa das pessoas, no seu espaço. Fá-lo "para criar uma espécie de terra de ninguém", um ato cerimonioso e rápido, que obedece sempre a um certo ritual. Neste caso, o local escolhido para a sessão foi o interior dos apoios de pesca, junto à praia. Montada a luz, dez minutos chegam para um retrato. Silêncio e poucas orientações marcam o momento, em que Pierre tenta capturar a expressão exata, sem ares de pose. Paulo é o primeiro. Gostou do trabalho de Pierre, revela-nos. Até hoje, "tirar fotografias era só para o passe". Acha a iniciativa boa, sobretudo se ajudar a chamar a atenção para a comunidade piscatória, que considera estar muito esquecida. Segue-se o irmão, Carlita. E finalmente o jovem Ricardo, o "pescador com atitude de surfista" (na abertura).

A Hasselblad dispara. Há um ano que

BI Pierre Gonnord

1. Tem 48 anos, é francês, mas vive em Madrid desde 1988
2. Começou a carreira de fotógrafo tarde, aos 35 anos. Antes, era *marketeer*
3. É fascinado pelos excluídos e pelas margens. Fotografou reclusos, a comunidade cigana da Galiza, cegos, velhos em lares de terceira idade em Paris, mineiros de Gijón, os judeus de Veneza, os *yakuza* (membros de organizações criminosas no Japão), camponeses
4. Tem fotografias em coleções privadas e museus dos EUA (Museu de Arte Contemporânea de Chicago), França (Centre National des Arts Plastiques), Espanha (Museu Rainha Sofia) e Portugal (coleção BES, onde tem três retratos). Atualmente, uma fotografia de Pierre Gonnord vale entre 12 mil e 20 mil euros

Gonnord se rendeu ao digital. "Tinha as maiores resistências", conta. "Achava que as fotos eram muito manipuladas." Mas uma vez que foi chamado de urgência pelo jornal "The Guardian" para fotografar Joaquín Cortés, rendeu-se à magia do instantâneo. Admite, mais tarde, que não sente qualquer apelo por fotografar celebridades. São máscaras a mais para ele, demasiada maquilhagem, quando ele procura precisamente o inverso: o rosto nu, sem qualquer tipo de tratamento, assumindo rugas e marcas do tempo.

O dia sela-se com uma sardinhada oferecida por Paulo, a atestar o clima de respeito e amizade que ficou entre fotógrafo e retratados. Pierre gosta que assim seja. Não raramente, recebe telefonemas de pessoas que fotografou a darem notícias, outras vezes a pedir ajuda... É a sua forma de contribuir. "Preciso das pessoas para sobreviver", assume. "Da sua simpatia. Acho que todos precisamos. Estamos num mundo muito desumanizado", remata. O dia chega ao fim, mas o trabalho de Pierre nunca acaba. "Não termino séries, deixo sempre tudo em aberto." No fim da semana em Portugal, a segunda de trabalho, resta-lhe a certeza de que quer cá passar um ano a fotografar. "Só o tempo dá profundidade ao teu trabalho."

“O retrato é, antes de mais, um ato de amor”

Gonnord, o fotógrafo dos excluídos, em entrevista

Tem 48 anos. Começou a fotografar aos 35. Antes, trabalhava em marketing. O que desencadeou esta mudança de vida?

Quando o meu irmão mais velho morreu, senti algo muito forte. Foi como se precisasse de procurar nos outros algo que se perdeu. A fotografia foi uma abertura, uma fuga contra o esquecimento. Já não gostava de marketing há muito tempo, era apenas uma forma de ganhar a vida. Pensei: “É agora ou nunca.” É curioso, porque eu praticamente nunca tinha tocado numa máquina fotográfica. Nessa altura, fiz uma viagem a Cuba, fiz umas fotografias, alguém as viu, e convidaram-me logo para fotografar Teresa Berganza, a meio-soprano espanhola. Foi assim que começaram as minhas primeiras encomendas. E, ao lado, comecei à procura de rostos, para mim.

Foi rápida, a sua ascensão?

De início, sentia-me muito tímido, desajeitado. Não sabia usar a máquina. Lembro-me de me ter inscrito num curso de fotografia de um ano, que ensinava toda a parte técnica. Quando mostrei ao professor os meus trabalhos, ele disse-me que eu estava a perder o meu tempo ali. Devolveu-me o dinheiro e comecei a trabalhar por mim. Ainda hoje, mal conheço a minha máquina em termos técnicos. Sei fazer fotografia como toda a gente sabe. Não tem nada de feiticeiro... Fotografar é aprender a olhar, a ouvir. O olho educa-se, mas também parte da nossa sensibilidade. Aprende-se a estar à escuta com os olhos. É como os silêncios em Tchekov...

O que acha que vê que os outros não veem? Não sei... Talvez tenha a ver com a forma como capto um outro tipo de comunicação, não verbal. Que faz com que as pessoas me contem coisas pessoais que não contam facilmente. Quando vou ter com ciganos para os fotografar, não os vejo como ciganos — vou à procura de gente que me toca nessa comunidade, pelo seu carisma, pelo



JORGE SIMÃO

NA FAINA COM OS PESCADORES DA COSTA DA CAPARICA. O TERRENO É UMA ETAPA FUNDAMENTAL NO TRABALHO DO FOTÓGRAFO

seu silêncio, pelas coisas que têm para dizer. Quando se é cigano, não se é só cigano. Quando se é refugiado, não se é só refugiado. As pessoas são pessoas, para lá do clã.

O seu trabalho está muito ligado aos que estão nas margens. Fotografar ciganos, reclusos, velhos... Vê o papel do fotógrafo como missão?

Sim. A visibilidade deve servir para fazer refletir. E para que as pessoas sintam o que eu sinto. É preciso escolher porque se faz fotografia. Eu sei-o. Isso dá-me a sensação de engrandecer a minha vida. Permite-me sair da minha condição e viajar, viver, sentir e aprender outras coisas. Esses encontros materializam-se nos retratos. Isso dá-te um papel na sociedade. Há sempre necessidade no encontro. Não escolho as pessoas para fotografar só porque sim. Escolho porque é uma necessidade para mim. Os pescadores (de Portugal) fazem-me lembrar as minhas origens, numa aldeia pequena da Vendée, em França, onde

nasci e cresci. Há uma ligação emocional. O meu trabalho tem muito afeto. Não é frio nem distanciado.

O que procura, quando fotografa alguém? Um certo olhar, uma emoção que o distinga? Talvez a sua espiritualidade, sem religiosidade. Uma foto conta sempre uma história — mesmo que não seja a da pessoa retratada. É sempre um espelho, para quem vê. Há algo de mágico, eterno, que se prende com a condição humana.

Qual é o seu método de trabalho? Sempre que chego a uma cidade nova, vou do centro para a periferia a pé. Foi o que fiz no caso dos ciganos, em Sevilha. Só assim conseguimos aperceber-nos de uma série de coisas à nossa volta. Gosto de demorar o meu tempo... Primeiro, tento perceber um bairro. Sento-me num café. Observo, ouço — um dia, dois, uma semana. Vou ao supermercado ver gente. Para me impregnar. E de repente, começa a ver personagens. Hoje, por exemplo, apetece-me andar por Lisboa...

Há uma generosidade no tipo de fotografia que faz? Acho que há uma troca, e isso nota-se no momento em que lhes dou as fotos que fiz deles.

Quando o Paulo (o armador de pesca da Costa da Caparica) viu os retratos dele e do pai, hoje, foi um momento de emoção. Por vezes, quando certas imagens são vendidas, gosto de ajudar as pessoas que fotografei. Tento ser justo. É preciso ter cuidado com o dinheiro, para as pessoas não se sentirem compradas. No caso da comunidade cigana, ajudei a comprar um frigorífico e ar condicionado a Maria e Bernardo, o casal que me hospedou durante seis meses... Ou simplesmente faço álbuns de fotos.

Diz que se sente privilegiado por ser fotógrafo. O que mais gosta na sua profissão? O facto de poder estar na vida. Tenho a sensação de tocar verdadeiramente a vida, no sentido terreno. Sou um nómada. Tenho imensa liberdade. E nunca sei o que vai acontecer. ■

unica@expresso.impresa.pt